

**Espaços Culturais e o Turismo no Centro Histórico de Porto Alegre:
O caso da Bienal de Artes Visuais do Mercosul¹**

Luis Gustavo Silva²

Resumo:

Considerando a Bienal de Artes Visuais do Mercosul, o trabalho aborda a necessidade de ações urbanísticas qualificadoras nos espaços públicos de Porto Alegre - mais especificamente no seu Centro Histórico – e afirma a exigência de tais intervenções serem implantadas de forma conjunta com um planejamento turístico.

Palavras-Chave:

Espaços Culturais; Centro Histórico; Turismo; Porto Alegre; Bienal do Mercosul.

Introdução

A proposta deste trabalho é apresentar parte da investigação a ser apresentada ao término da dissertação de mestrado do autor, na qual são discutidos os efeitos da Bienal de Artes Visuais do Mercosul na área central de Porto Alegre em relação ao turismo, analisando o uso contemporâneo dos espaços onde são instaladas as mostras e sua consequência para promoção de uma imagem positiva para o centro histórico de Porto Alegre, em relação à cidade e ao Mercosul. Trata-se de um estudo dos equipamentos culturais para o desenvolvimento do turismo e do perímetro urbano central, que busca desvendar que demanda uma maior inserção turística da Bienal traria para o desenvolvimento urbanístico do centro histórico de Porto Alegre. Para tanto, se julga necessário investigar os efeitos da Bienal de Artes Visuais do Mercosul como elemento turístico na área central da cidade de Porto Alegre, verificando a possibilidade de promoção da imagem do centro em relação à própria cidade e ao Mercosul. Isso não tanto como um conjunto de idéias, mas como uma análise do lugar das artes visuais em relação ao turismo no desenvolvimento urbano central, condição para

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo e Construções Simbólicas” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Docente dos cursos de Turismo e Hotelaria na Faculdade de Comunicação Social (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e do curso de Turismo do Centro Universitário La Salle (UNILASALLE). Mestrando do Programa de Planejamento Urbano e Regional na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: lgustavos@terra.com.br

elevação geral no prestígio e no capital simbólico das cidades, num momento em que a cultura transformou-se em um grande negócio.

Espaços Culturais e o Turismo no Centro Histórico de Porto Alegre

Segundo Ricardo Ohtake (2000), em seu texto *Os novos monumentos das metrópoles*, como desdobramento da implantação dos museus nas principais cidades européias a partir do final do século XVIII, constata-se que nos últimos vinte anos os equipamentos culturais, principalmente museus, passam a ganhar significado nos grandes centros urbanos. Para ele essa onda cultural faz surgir novas especificidades que estão vinculadas a diversos fatores, entre os quais destaca-se tanto a circunscrita rearticulação urbana, quanto a amplitude propiciada pela globalização da atual fase capitalista.

Diversas sociedades e suas metrópoles respondem diferentemente a essa nova onda de instalação de equipamentos culturais e tal tendência vem sendo seguida não apenas pelas metrópoles internacionais, vinculadas aos pólos dinâmicos da economia que passam a ter nos seus equipamentos culturais atrações nucleares para o avanço do setor de serviço, mas também pelas metrópoles dos países em desenvolvimento. (Ohtake, 2000)

Experiências internacionais bem sucedidas - ainda que discutíveis - movidas por problemáticas semelhantes, como as de Barcelona e Bilbao, na Espanha, e a de Niterói, no Brasil, têm servido de exemplo quando se discutem novos cenários urbanos a partir da implantação de equipamentos culturais.

Na década de 1990, em Porto Alegre, conforme afirma Barbosa (1993) em *Os novos espaços culturais*, a paisagem cultural e urbana da cidade foi marcada pela inauguração de dois novos espaços: a *Casa de Cultura Mario Quintana*, no prédio do antigo Hotel Majestic, e o *Centro Cultural do Trabalho*, na antiga Usina Termoelétrica da Volta do Gasômetro. Ambos são antigas edificações recuperadas e restauradas pelo poder público para servirem a funções culturais, com um uso distinto do original. Os dois espaços são de uso multifuncional, dispondo não só de salas para leitura, teatro, cinema, concertos, bibliotecas e ateliers, como também de locais para exposições de arte, artesanato, cursos e eventos variados, cafés e restaurantes. Barbosa (1993) afirma que:

(...) esses pontos se tornaram pontos de efervescência cultural e artística pelos quais circulam não apenas representantes da elite cultural e artística da cidade, como setores cada vez mais amplos da população, para os quais a inauguração desses dois locais representou uma ampliação significativa de suas possibilidades de consumo cultural.

Ainda em seu texto, Barbosa aponta uma questão relativa à semelhança desses locais com outras iniciativas ocorridas no mesmo perímetro urbano, como, por exemplo, as restaurações do Theatro São Pedro, da Biblioteca Pública do Estado, do Solar dos Câmara³. Dessas iniciativas, algumas foram financiadas e empreendidas pelo capital público e outras pelo capital privado, mas todas resultam de uma operação de renovação e recuperação pela qual vem passando o centro de Porto Alegre. Barbosa comenta, ainda, que esse processo de renovação urbana revela uma série de características típicas da dinâmica urbana no modo de produção capitalista. No entanto, esse conjunto de alterações pode não ser completamente apreendido pelas pessoas que circulam regularmente naquela área da cidade, sendo percebido apenas como uma série de eventos meramente fortuitos e desconectados entre si.

Turismo

O turismo, no Brasil, tem sido percebido, cada vez mais, como uma atividade econômica. No seu livro *Turismo: que negócio é esse?*, Lemos (1999) afirma que alguns países há muito tempo reconheceram o potencial do turismo como gerador de emprego e de renda, e que dados mais recentes mostram o seu fantástico crescimento e a sua clara tendência como alternativa de crescimento social, o que faz com que seja, no presente, uma das primeiras entre as atividades de maior geração de renda da economia mundial.

Conforme os dados da Folha do Turismo⁴ (2005) divulgados pelo Ministério do Turismo, os desembarques internacionais, de janeiro a setembro de 2005 no Brasil já somavam 5,07 milhões de passageiros contra 4,4 milhões no mesmo período do ano anterior, uma alta de 14,2%. Isso significou, em termos de receita apurada pelo Banco Central, UU\$2,845 bilhões contra os US\$2,325 bilhões alcançados em igual período de 2004.

³ Construído em 1818, pelo Visconde de Pelotas, foi restaurado e transformado em espaço cultural, abrigando o museu e a biblioteca da Assembléia Legislativa.

⁴ Folha do Turismo. Edição especial do 17 Festival de Turismo de Gramado – Novembro de 2005 – Uma publicação do grupo Folha dirigida – Ano 17.

IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL
Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo
Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de Julho de 2006

Só em setembro, os desembarques internacionais atingiram 521.268 passageiros e os gastos dos turistas estrangeiros chegaram a US\$319 milhões um crescimento de 45% sobre os US\$220 milhões alcançados no mesmo mês de 2004. Em contrapartida, os brasileiros deixaram, no mês de setembro, US\$433 milhões no exterior. De janeiro a setembro, a conta chega a US\$3,47 bilhões, um déficit de US\$625 milhões na balança do turismo. Para o então ministro do Turismo⁵,

(...) esse déficit não é um problema. Pelo contrário, demonstra que os preços das passagens aéreas estão acessíveis e a economia está gerando renda. “Não fizemos meta para déficit. Não podemos controlar o que os brasileiros gastam”.

Quanto aos desembarques nacionais em avião, eles acumulam, de janeiro a setembro, 31,7 milhões de pessoas, sendo 3,7 milhões só em setembro. Se mantivermos essa média de setembro estamos falando de mais de 12 milhões de turistas até o final do ano de 2005 e vamos chegar à meta de 44 milhões.

Segundo John Naisbitt, professor da Universidade de Cambridge, "o turismo é a mais promissora atividade do mundo. Ela é alimentada pelo progresso das telecomunicações, tem a força que está ensejando imensa economia global e capacitando seu poder multiplicador" (in Lemos, 1999). De fato, esse setor está entre as quatro principais atividades econômicas do mundo. Gera empregos em grande quantidade e receitas gigantescas para os países que optam por essa alternativa de crescimento.

Existem tendências claras que projetam o turismo cada vez mais como uma das principais atividades humanas, em razão do barateamento do transporte aéreo, e da segmentação do mercado turístico focalizada nas preferências das pessoas. Isso possibilita a um maior número de localidades colocar-se no dito mercado turístico, como possibilidade de atrair e receber visitantes. Além disso, é preciso considerar fatores como uma maior qualificação das tecnologias da comunicação, a diminuição do número de pessoas nas famílias (o que diminui seus gastos totais e aumenta a disponibilidade para gastos em turismo) e a *juvenilização* dos mercados.

As cidades e regiões começam a perceber a crescente importância do turismo para seu desenvolvimento, pois além das tendências de aumento da demanda por turismo, essa atividade, em comparação com outras, necessita de menores investimentos quando os recursos

⁵ _____ . Edição especial do 17 Festival de Turismo de Gramado – Novembro de 2005 – Uma publicação do grupo Folha dirigida – Ano 17.

já existentes nas próprias localidades podem ser aproveitados como forma de investimento turístico.

Nesse sentido, em Porto Alegre, se pode destacar alguns eventos que a colocaram no cenário internacional, a exemplo do Fórum Social Mundial e a Bienal de Artes Visuais do Mercosul.

Bienal de Artes Visuais do Mercosul

A primeira edição da Bienal de Artes Visuais do Mercosul ocorreu em Porto Alegre em 1997. Para Justo Werlang⁶, então diretor presidente da Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, a mostra foi uma contribuição importante ao intercâmbio cultural, e à integração dos povos do Mercosul. Houve a organização de múltiplas exposições, de atividades desenvolvidas no espaço urbano por artistas representativos da produção latino-americana contemporânea, de dois seminários internacionais e de uma série de ações didático-pedagógicas que determinaram um intenso esforço. No catálogo da primeira Bienal de Artes Visuais do Mercosul, Nelson Boeira, secretário da Cultura do Estado na época, comenta que a I Bienal de Artes Visuais do Mercosul foi “um divisor de águas na vida cultural do Rio Grande do Sul” (1997). A partir daquela primeira edição da Bienal foi possível perceber que a cidade se prepara para mais mudanças na sua área central, relacionadas a arte e a cultura.

É esse processo de mudanças, sua efetiva ocorrência ou não, e os seus produtos, por conseqüência, o que move e fundamenta este estudo, que além de contribuir para uma discussão muito atual, certamente será relevante para subsidiar iniciativas relativas à cultura e para a economia, envolvidas diretamente ao turismo.

O trabalho é importante, pois, para uma leitura do estágio atual das relações entre os planejamentos urbano, turístico e cultural, e para um possível auxílio na formatação de políticas públicas e privadas que visem a convergência desses setores em prol da configuração de um espaço altamente qualificado para a cidade de Porto Alegre. Não é demais pensar, também, a produção de uma bibliografia em torno dessas relações, que permita não só analisar o caso específico proposto, mas propiciar que outras cidades do Rio Grande do Sul, especialmente as de médio porte, como Caxias do Sul, Pelotas e Santa Maria, por exemplo,

⁶ Werlang, Justo. Catálogo da primeira Bienal de Artes Visuais do Mercosul. (1997)

visualizem uma experiência vigente para dela retirar significados que possam ser reduplicados, dentro das especificidades locais, formando uma rede de interesses em torno do espaço, do turismo e da arte.

Justifica-se, ainda, pela atualidade do tema, uma vez que Porto Alegre está a receber novos e importantes equipamentos culturais, como o Museu Iberê Carmargo e o Multipalco, que somados aos já existentes, certamente ampliarão a oferta de novos pontos de interesse turístico, os quais, possivelmente, integrarão o conjunto de espaços utilizados para a Bienal, especialmente o Museu Iberê Camargo. Esse museu, como se sabe, já nasce de interesse turístico, não somente pelo importante acervo que abrigará, mas, também – e talvez isso por ironia do mercado das cidades – por que estará instalado em um prédio projetado pelo arquiteto português Álvaro Siza, sua única obra no Brasil.

As cidades, hoje, são cenários cada vez mais complexos de negociações econômicas, sociais e culturais. Segundo Nelson Brissac⁷ (2000) as cidades atravessam, um amplo processo de reconfiguração espacial, resultado do impacto da reestruturação das corporações globais, de investimentos intensivos em enclaves urbanos, com a construção de imensos complexos arquitetônicos auto-suficientes e de novos sistemas de comunicações. Isso tudo acompanhado por uma completa reorganização do espaço público, de um vertiginoso crescimento da exclusão social e da violência. Brissac afirma, ainda, que os modos de produção e circulação da arte também passam por profundas transformações, com a criação de um circuito internacional de exposições e a construção de grandes equipamentos culturais para atendê-las. Um processo que, dada a sua complexidade e grande escala, escapa aos instrumentos correntes de apreensão e mapeamento.

Segundo Ricardo Ohtake (2000), diversas sociedades e suas metrópoles respondem diferentemente a essa nova onda de instalações de equipamentos culturais e tal tendência vem sendo seguida não apenas pelas metrópoles internacionais, vinculadas aos pólos dinâmicos da economia, que passam a ter nos seus equipamentos culturais atrações nucleares para o avanço do setor de serviço, mas também pelas metrópoles dos países em desenvolvimento. Os modelos de implantação desses equipamentos, adotados por americanos e europeus, caracterizam-se pela presença simultânea da iniciativa privada e do poder público num

⁷ BRISSAC, Nelson. *Intervenções em megacidades*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.enea.com.br/index.php?arquivo=artigos.php&codigo=20>. Arquivo consultado em setembro de 2003.

esforço conjunto para transformar a metrópole em um local de atração do grande público para os eventos culturais.

Porto Alegre, conhecida internacionalmente pelo Fórum Mundial Social, desde 1997 é sede também da Bienal de Artes Visuais do Mercosul. Segundo a Fundação de Artes Visuais do Mercosul⁸, um dos objetivos da primeira edição do evento era, mediante intensa troca de obras e idéias e diálogos entre artistas, críticos e historiadores de arte, diretores de museus, professores de arte, galeristas, colecionadores e público, ajudar a reescrever a história da arte latino-americana. Ou, por outra, contribuir para que se escreva uma nova história da arte de um ponto de vista que não seja exclusivamente euro-norte-americano. E isto só seria possível na medida em que aceitassem a existência de uma arte latino-americana, com características próprias, com acertos e erros, mas independente, sempre. Uma história que considere as tradições nacionais, seus mitos, mas aberta às influências externas. Uma história, enfim, que aceitando as diferenças locais, as individualidades e a diversidade dos processos formativos culturais, leve em conta o contexto em que as obras foram criadas, único caminho para compreendê-las.

A I Bienal de Artes Visuais do Mercosul foi concebida para ser vista, antes de tudo, como um fórum de debates, como uma oportunidade ímpar de reuniões para discutir as perspectivas da arte continental, num mundo cada vez mais globalizado e neutral.

Ainda em 1997, a Fundação de Artes Visuais do Mercosul afirmou que a partir da primeira Bienal Porto Alegre não seria mais a mesma e poderia reivindicar, com todas as honras, a condição de capital cultural do Mercosul.

A 5ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul ocorreu em Porto Alegre no período de setembro a dezembro de 2005, com exposições simultâneas nos armazéns do Cais do Porto, no Santander Cultural, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, na Usina do Gasômetro, no Paço Municipal, no Largo Glênio Peres e na orla do Guaíba, no trecho entre a Usina e o Anfiteatro Pôr-do-Sol.

Segundo reportagem da Zero Hora, houve transformações do espaço público, com obras efêmeras e quatro obras foram incorporadas à paisagem da capital depois do fim da mostra, a exemplos anteriores.

Em entrevista a Eduardo Veras para o caderno cultura do jornal Zero Hora de Porto Alegre do dia 16 de abril de 2005, o professor Paulo Sergio Duarte, da Universidade Candido

⁸ CATÁLOGO da primeira Bienal de Artes Visuais do Mercosul; Porto Alegre: FBAVM, 1997.

IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL
Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo
Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de Julho de 2006

Mendes, do Rio de Janeiro e curador-chefe da V Bienal do Mercosul, comentou que a exposição já é saudada como uma das maiores e mais importantes do mundo e que gosta de falar em Bienal de Porto Alegre não do Mercosul, defendendo a idéia de que a mostra abrange toda a América Latina, e ainda o México, país convidado da edição anterior, que já está oficialmente incorporado.

O tema dessa mostra foi “o espaço” e a importância de olhar a arte como fenômeno na história, tendo por título Histórias da Arte e do Espaço, escolhido para reforçar o caráter histórico do fenômeno artístico. Quanto à escolha em relação ao *espaço*, Duarte disse ser uma obviedade, pois a arte lida primordialmente com a questão do espaço, depois vem à questão do corpo, a questão sociológica, etc.

Na mesma entrevista, é levantada uma crítica que se propaga desde a mostra anterior, segundo a qual *a Bienal funciona como um disco voador que baixa pronto na cidade de dois em dois anos, deixando um buraco entre uma edição e outra*. Duarte defendeu a mostra como sendo um investimento de peso em um país pobre, cujos sistemas educativo e sistema de instituições artísticas não têm a mesma densidade de um sistema italiano, alemão ou francês, *onde um evento como esse é absorvido imediatamente por capilaridade, pela própria mecânica das suas rotinas*, e ele ainda questiona: *cabe ser realizado – esse investimento – se não houver um projeto contínuo?*

Percebe-se que Porto Alegre tenta criar uma identidade cultural e para isso ocorrem algumas transformações na sua área central, onde ficam localizadas as maiores intervenções em função do evento, para a recepção de um maior número de pessoas. Por isso, questiona-se: qual demanda – ou quais demandas - uma maior inserção turística da Bienal do Mercosul traria à constituição urbanística do centro de Porto Alegre? Para responder a esse questionamento, levanta-se questões como o que a Bienal demanda? O que o Turismo demanda? E o que as estratégias de planejamento urbano demandam?

É importante perceber a necessidade de ações qualificadoras nos espaços públicos de Porto Alegre, e isso como uma obrigação do poder público em relação aos direitos dos cidadãos. Disso não se tem dúvidas. No entanto, o que aqui se quer analisar é se a Bienal do Mercosul, como evento que já se constitui significativo para o calendário cultural e turístico de Porto Alegre, está a exigir intervenções específicas no cenário urbano, mais especificamente, no centro histórico, e se tais intervenções, se necessárias, são implantadas de forma conjunta com um planejamento turístico.

Nesse sentido, é preciso observar que após o término das Bienais são deixados alguns monumentos como parte de obras públicas, complementando o mobiliário da cidade, melhorando a sua imagem e aproximando a arte do cidadão, seja ele local ou visitante. Da edição de 2003 pode-se citar a “Supercuia”, obra de caráter monumental, onde foram combinados porongos para formar uma curiosa figura geométrica. Do artista gaúcho de Cruz Alta, Saint Clair Cemin⁹ que reside em Nova York há mais de vinte anos, a escultura surpresa, de grande proporção, é feita de material sintético, e foi um presente a Porto Alegre, doado como obra pública, depois do término daquela edição da Bienal. *“Juntei a forma sensual da cuia de chimarrão ao vigor platônico do dodecaedro regular e construí este objeto que, para mim, é um receptáculo fechado onde se metabolizam os sonhos, esperança e temores de nossa gente”*, afirma o artista. O monumento pode ser visto na cidade no triângulo da Esplanada, próximo aos parques Maurício Sirotsky Sobrinho e Marinha do Brasil.

Na edição de 2005, os trabalhos permanentes agregados ao cenário do Guaíba foram os de Mauro Fuke, Carmela Gross e José Resende. Essas obras estavam inseridas no vetor Transformações do Espaço Público, que tratou das transformações operadas pela presença da obra contemporânea no espaço urbano, permanecendo expostas no trecho de um quilômetro da orla do Guaíba que se estende ao longo do Parque Maurício Sirotsky Sobrinho. A obra de Mauro Fuke partiu da proposta de fuga do caráter monumental vertical e aproximação mesma da idéia de mobiliário urbano. A de Carmela Gross, planos superpostos horizontalmente, remetendo ao formato de escada. A de José Resende, uma escultura denominada “Olhos atentos”, é uma estrutura suspensa que permite que se caminhe sobre ela. A escultura de José Resende acabou provocando uma intensa discussão sobre a sua pertinência ou não ao local onde está instalada, o que reforça a discussão em tela, sobre a qualificação do espaço em decorrência do evento Bienal.

Sem um ainda maior e melhor aprofundamento da discussão, e com vistas ao esclarecimento do problema da pesquisa, é possível de se lançar um olhar específico sobre a orla do Guaíba e a sua utilização no período de realização da Bienal. É na orla que têm permanecido essas obras permanentes deixadas para a cidade após o término do evento. E basta uma rápida mirada para se perceber que esse espaço ainda não foi objeto de um adequado planejamento, que está implicando numa desordem de funções. No entorno da Usina do Gasômetro, é visível uma competição da paisagem com os ônibus que trazem os

⁹ Notícia capturada no site: <http://paginas.terra.com.br/arte/359/bienal2003/01saintclaircemin.htm> no dia 27/06/2005.

turistas. Assim, a pergunta: o que se oferece ao turista é o evento descolado da cidade ou há uma possibilidade de unidade na oferta desse produto, mesclando-se arte, cidade e turismo?

A hipótese do trabalho que se coloca é a de que esteja ocorrendo uma construção e/ou consolidação de uma imagem para o centro da cidade de Porto Alegre a partir de impactos dos equipamentos culturais e eventos como a Bienal de Artes Visuais do Mercosul em relação ao turismo e ao uso contemporâneo dos espaços onde são instaladas as mostras. Coloca-se ainda a hipótese de que uma maior inserção turística da Bienal desenvolveria o urbanismo do centro de Porto Alegre.

Diante de tais hipóteses, evidencia-se a necessidade de estudar a problemática contemporânea do consumo da cultura. Ou seja, discutir os limites desta prática, investigando até que ponto a utilização dessas intervenções culturais – por vezes utilizado inclusive como âncora de projetos urbanos – garante o sucesso destes eventos e desenvolve uma forte e positiva imagem da cidade. E principalmente, discutir se essa imagem corresponde à realidade da cidade em questão, pensando-se o que isto significa para a cidade e o que isto significa para os cidadãos? De que maneira a utilização da cultura como estratégia de renovação da imagem urbana, no caso central, contribui para o desenvolvimento sócio-econômico e cultural local? Como se deu essa mudança na imagem que os habitantes têm da cidade após a instalação ou intervenção de um evento desse porte? Como a população percebe hoje a Bienal e a sua cidade? E finalmente, quais são objetivamente as vantagens para os moradores de Porto Alegre?

Diante da diversidade e complexidade de questões que o tema abrange, não se tem a pretensão de empreender uma abordagem exaustiva. Pretende-se levantar subsídios para que, no futuro, possa-se responder a algumas questões, tais como quais seriam as conseqüências positivas e quais as negativas para a população local e para o desenvolvimento da cidade? Haveria um retorno real em termos de qualidade de vida para os habitantes? Economicamente e culturalmente o que a cidade realmente ganha e o que perde com tais políticas?

Em relação à circulação, é preciso analisar como acontece a circulação das pessoas e quem são essas pessoas que circulam na Bienal. A que público está destinada? De onde é ou de onde vem esse público? Qual o seu interesse? O que esta circulação afeta nas proximidades dos locais, onde estão as instalações da Bienal. Para a circulação há uma sinalização? Como é a sinalização da Bienal? Os locais de sinalização são estratégicos? Para quem? Estas sinalizações afetam a imagem da cidade?

IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL
Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo
Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de Julho de 2006

Como se vê, a preocupação central deste trabalho volta-se para os efeitos da mostra sobre a cidade de Porto Alegre e sobre a sua população, sobre quais os indícios dos efeitos do evento em relação à imagem da cidade. Pensar um evento desse porte e os seus significados urbanos é constituir um acúmulo necessário à formatação de novos empreendimentos, com a articulação e a aproximação de diversos atores e saberes, visando à qualificação quando de suas implantações, e, especialmente, ao detalhamento das especificidades e exigências no seu processo de gestação, com vistas à excelência de seus resultados.

Referências Bibliográficas

- ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade; tradução Píer Luigi Cabra. – 4ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____, Giulio Carlo. Projeto e destino; tradução Marcos Bagno. – 1ªed. – São Paulo: Editora Ática, 2001.
- BARBOSA, Eva Machado. Novos espaços culturais e formação de capital fixo em Porto Alegre: lendo a cidade a partir da crítica à economia política. Ed. Ufrgs/PMPA, 1993.
- BARRETTO, Margaritta. Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- _____, Margaritta. Planejamento e Organização em Turismo. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- BENI, Mário Carlos. Análise Estrutural do Turismo. São Paulo: Editora SENAC, 1998.
- BRAVO. Ano 8 - n° 89. São Paulo: ed. Abril, Fevereiro/2005.
- BENJAMIN, Walter. Sobre arte, técnica, linguagem e política; traduções de Maria Luaz Moite, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água editores, 1992.
- _____, Walter; Horkheimer, Max; Adorno, Theodor W. & Habermas, Jurgen. Textos escolhidos. Traduções de José Lino Grünerwald...[et al.]. – São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BRISSAC, Nelson. *Intervenções em megacidades*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.enea.com.br/index.php?arquivo=artigos.php&codigo=20>. Arquivo consultado em setembro de 2003.
- CATÁLOGO da primeira Bienal de Artes Visuais do Mercosul; Porto Alegre: FBAVM, 1997.
- _____, da segunda Bienal de Artes Visuais do Mercosul; Porto Alegre: FBAVM, 1999
- _____, da terceira Bienal de Artes Visuais do Mercosul; Porto Alegre: FBAVM, 2001.
- _____, da quarta Bienal de Artes Visuais do Mercosul; Porto Alegre: FBAVM, 2003.
- DEBORD, Guy. A sociedade do Espetáculo; tradução Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL RIO, Vicente. Texto capturado no site www.vitruvius.com.br/arquitextos, em setembro de 2003.
- FEATHERSTONE, Mike. O Desmanche da Cultura: Globalização, pós-modernismo e identidade; tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. – São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.
- FOLHA DO TURISMO. Edição especial do 17 Festival de Turismo de Gramado – Ano 17 – Ed. Grupo Folha dirigida, 2005.
- LEMOS, Leandro de. Turismo: que negócio é esse?: Uma análise da economia do turismo. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- LIMA, Luiz Costa. Teoria da Cultura de Massa. Rio de Janeiro. Editora Saga, 1969.
- MERQUIOR, José Guilherme. Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- MOESCH, Marustschaka Martini. A Produção do Saber Turístico. São Paulo: Contexto, 2000.

IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL
Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo
Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de Julho de 2006

OHTAKE, Ricardo. *Os novos monumentos das metrópoles*. IN: São Paulo em Perspectiva. São Paulo: Fundação SEADE, out – dez 2000, vol. 14, n. 4.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do Meio Ambiente. Campinas, SP: Papirus, 1997.

VAZ, LÍlian Fessler; JACQUES, Paola Berenstein. Reflexões sobre o uso da cultura nos processos de revitalização urbana.

www.bienalmercosul.art.br

ZERO HORA – caderno cultura –16/04/05.